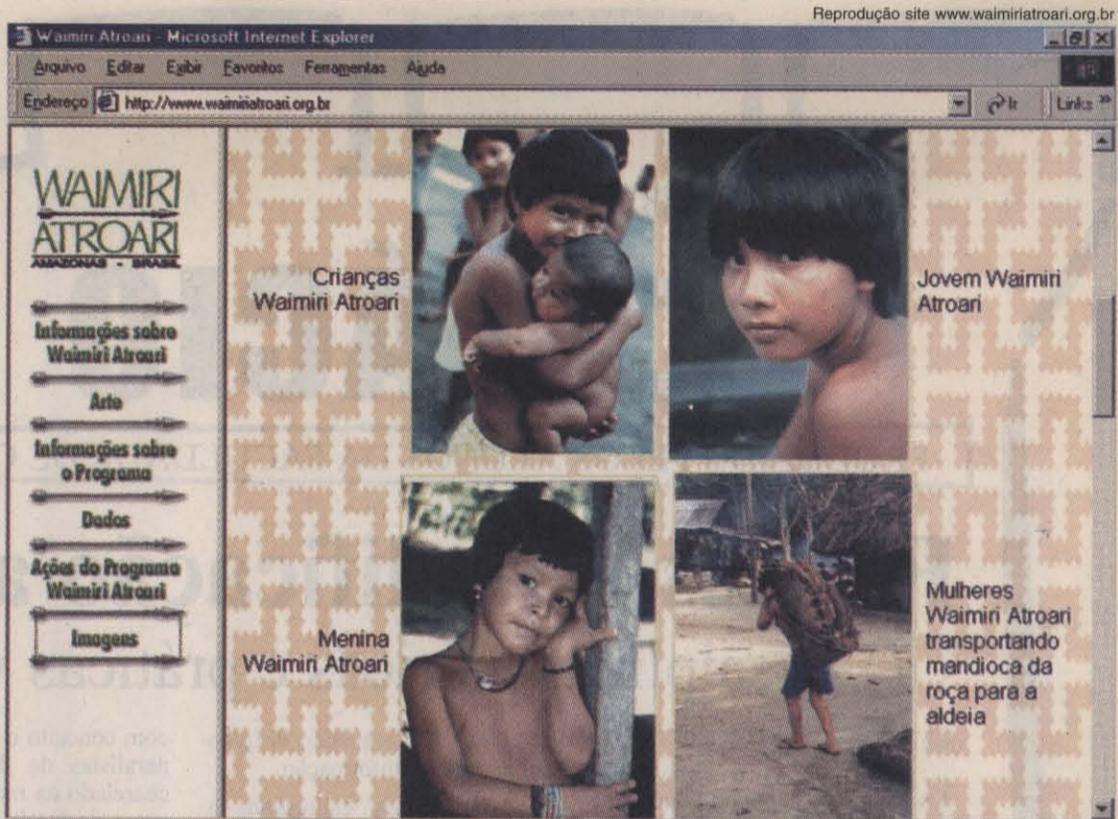


546



Os Waimiri Atroari estiveram sob o risco de extinção nos anos 80, hoje têm até página na internet

Índios Waimiri troari reconquistam paraíso

Nação retomam o crescimento e ganha qualidade de vida

ABNOR GONDIM

BRASÍLIA – Nem só de más notícias vivem as comunidades indígenas. Os Waimiri Atroari, ameaçados de extinção na década de 1980, habitam o Sul de Roraima e Norte do Amazonas e exibem um dos melhores padrões de qualidade de vida já obtidos por nativos no Brasil. Em 13 anos, a população aumentou de 374 para mais de 900 pessoas em 17 aldeias. Média de crescimento populacional de 5% anuais.

Uma vitória para quem mingua em 20%, ano a ano. Hoje produzem o alimento que consomem e usam a internet para vender peças do artesanato tradicional no site www.waimiriatroari.org.br. Tudo é desenvolvido com uma característica marcante: querem distância do mundo civilizado.

Nem mesmo dinheiro estão dispostos manusear apesar de ostentar uma das melhores rendas entre grupos indígenas no Brasil. Recebem cerca de R\$ 300 mil por ano da Eletronorte, estatal de geração de energia na região. A empresa inundou as terras originais para levantar a hidrelétrica de Balbina, no Norte do Amazonas.

Ganham, também anualmente, cerca de R\$ 200 mil da

mineradora Paranapanema pelo uso da estrada de 120 km construída em meio à área indígena de 2.585 hectares, quase cinco vezes o tamanho do Distrito Federal.

Socialistas natos – “Os índios são os gerentes, mas somos nós quem movimentamos o dinheiro recebido”, revela o indigenista Porfírio Carvalho, funcionário aposentado da Fundação Nacional do Índio. Ele dirige uma organização não-governamental, na qual os índios depositam confiança para aplicar seus recursos. “São socialistas naturais. Dizem que, se um dia pegarem em dinheiro, vai surgir a idéia da propriedade e será o fim da comunidade”, conta.

Recuperação – Iniciado em 1988, o programa de recuperação dos Waimiri Atroari, financiado pela Eletronorte, demarcou inteiramente a área. Os índios têm garantidos 17 postos de saúde para atendimento primário nas 18 aldeias e remoção para hospitais em cidades vizinhas, quando necessário. O mesmo ocorre em relação aos serviços odontológicos. Outro dado importante: 100% da população está vacinada.

Outro feito do programa: conseguiu alfabetizar 40% da comunidade. As 17 escolas

oferecem aula de português e da língua nativa, do tronco linguístico Karib. O calendário obedece atividades culturais indígenas, com aulas pela manhã, tarde e noite.

Há sistema de rádios, filmadoras e até televisões nas aldeias. Mas nada vem de fora. Reprodução dos programas da Xuxa, via satélite, nem pensar. Isso acontece em outras aldeias, como entre os Caiapós, cujos caciques enriqueceram com a exploração de mogno retirado das terras. “Eles usam as filmadoras para guardar imagens das manifestações culturais das tribos”, explica Carvalho. Não há contato via rádio com o resto do mundo. Para conhecê-los só indo lá.

A experiência inédita foi reconhecida pelo setor energético. No fim de novembro, o Programa Waimiri Atroari recebeu o prêmio de melhor ação ambiental das 37 empresas de geração de energia que participam da Fundação Coge. Trata-se de uma entidade criada para estimular as empresas a adotar ações politicamente corretas.

A bem-sucedida experiência se prolongará até 2113. É quando termina o prazo de 25 anos do convênio firmado pela Eletronorte com a Funai.